

Vinicius de Moraes – Rua da amargura

A minha rua é longa e silenciosa como um caminho que foge
E tem casas baixas que ficam me espiando de noite
Quando a minha angústia passa olhando o alto.

A minha rua tem avenidas escuras e feias
De onde saem papéis velhos correndo com medo do vento
E gemidos de pessoas que estão eternamente à morte.
A minha rua tem gatos que não fogem e cães que não ladram
Tem árvores grandes que tremem na noite silente
Fugindo as grandes sombras dos pés aterrados.

A minha rua é soturna...

Na capela da igreja há sempre uma voz que murmura louvemos
Sozinha e prostrada diante da imagem

Sem medo das costas que a vaga penumbra apunhala.

A minha rua tem um lampião apagado

Na frente da casa onde a filha matou o pai

Porque não queria ser dele.

No escuro da casa só brilha uma chapa gritando quarenta.

A minha rua é a expiação de grandes pecados

De homens ferozes perdendo meninas pequenas

De meninas pequenas levando ventres inchados

De ventres inchados que vão perder meninas pequenas.

É a rua da gata louca que mia buscando os filhinhos nas portas
das casas.

É a impossibilidade de fuga diante da vida

É o pecado e a desolação do pecado

É a aceitação da tragédia e a indiferença ao degredo

Como negação do aniquilamento.

É uma rua como tantas outras

Com o mesmo ar feliz de dia e o mesmo desencontro de noite.

É a rua por onde eu passo a minha angústia
Ouvindo os ruídos subterrâneos como ecos de prazeres
inacabados.

É a longa rua que me leva ao horror do meu quarto
Pelo desejo de fugir à sua murmuração tenebrosa
Que me leva à solidão gelada do meu quarto...

Rua da amargura...

Vinicius de Moraes, O caminha para a distância